

## Leitura é Produção de Sentido

### A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER



*"A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto".*

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1989.

Com essas palavras, o educador, pedagogo e filósofo Paulo Freire inaugura uma forma de pensar **o ato de ler** como algo fundamental a nossa existência como seres de pensamento, inseridos em uma sociedade complexa, constituída de linguagens que se manifestam em textos.

Continuando seu discurso, Paulo Freire ainda afirma: "Ao ir escrevendo este texto, ia tomando distância dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a 'leitura do mundo', do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da 'palavramundo'".

Esse depoimento iluminou o ensino e a aprendizagem da leitura, demonstrando que essa prática se configura como uma competência a ser desenvolvida, por meio de **comparações** e **associações** feitas por um leitor que só existe se for **ativo**, se for alguém que capta o mundo a sua volta e o interpreta por meio da palavra, a "**palavramundo**".

Paulo Freire ensina o quanto a leitura promove a cidadania e o quanto ela é cara, porque, sendo um direito, situa o sujeito no mundo em que vive, interpretando o universo de experiências. É sob essa orientação freiriana, então, que será discutida a constituição dos sujeitos como seres de leitura, atentos ao mundo, ao qual se vinculam (e vinculamos) as palavras.

Leia o trecho a seguir do primeiro capítulo da clássica obra *Dom Casmurro* e note como Machado de Assis ilustra o pensamento de Paulo Freire:

*"Não consultes dicionários. Casmurro não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. Dom veio por ironia, para atribuir-lhe fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! também não achei melhor título para a minha narração. Se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo rancor. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto."*

ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979. p. 809.

No parágrafo anterior, "Dom Casmurro" é uma **palavramundo**, a princípio, de um desafeto do protagonista Bentinho, que toma o vocábulo como forma de criticá-lo. Com o desenvolvimento da narrativa, a expressão é recriada, passa a ser outra **palavramundo**: toma sentido de ciumento, alguém obcecado por uma ideia (a de que a amada, Capitu, cometera adultério). Mas isso não basta: "Dom Casmurro" passa a ser uma alusão tomada de grandeza e afeto, quando usada por um leitor aficionado por Machado.

As palavras são assim, variam sua significação de acordo com a experiência existencial de cada um. Elas pertencem a um contexto, são parte da formação de uma pessoa. Então, devem ser lidas dessa forma. O texto em que essas palavras se inserem é o espaço em que se encontram as pistas para sua compreensão, sempre em elo com as vivências do leitor.

No trecho em destaque temos:

Três experiências,  
três leitores,  
um só texto.

1) A experiência do desafeto de Bentinho promovendo um apelido;

2) A apropriação irônica do apelido por parte do próprio Bentinho, um narrador que universaliza a expressão de acordo com suas experiências de dúvida e ciúme;

3) A apropriação por parte do leitor, que redimensiona o significante, tornada uma referência.

## Leitura: um ato interativo

O conceito construído por Paulo Freire partiu da observação e da reflexão sobre os vários modos de se pensar e realizar a leitura. Também já fazia parte de uma corrente de pensadores que tratavam a leitura como algo muito além da decodificação e do entendimento apenas. Hoje, a ciência da linguagem trata a **leitura como um processo interativo**, que se pauta no desenvolvimento de muitas habilidades que lhe são subjacentes. Sendo habilidades, não nascem com o leitor, mas são aprendidas e desenvolvidas durante a vida.

Tudo isso está acoplado aos estudos contemporâneos sobre linguagem dedicados à questão da leitura, considerando-a algo **dinâmico, interativo**, que exige **atuação reflexiva**, de forma a **produzir significado** para o leitor e compor sua identidade como um sujeito de cultura, inserido histórica e socialmente, na medida em que a leitura de mundo, anterior e simultânea à escola, fomenta a leitura da palavra, e vice-versa, conforme afirma o educador Paulo Freire.

Ler não é uma tarefa fácil, pois não se trata de algo espontâneo nem individual, nem depende de ter-se aprendido um método único, que pode ser aplicado a qualquer pessoa e em qualquer situação. Pelo contrário, segundo a cientista e professora Isabel Solé:

“o leitor é um sujeito ativo que processa o texto e lhe proporciona seus conhecimentos, experiências e esquemas prévios”.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Assim, durante a interação entre leitor e texto, o ato de ler é processual, em uma dinâmica em que um locutor tenta satisfazer os objetivos que norteiam sua leitura. Essa ideia traz algumas implicações:

**1ª implicação:** O leitor se configura como alguém ativo, encarregado de acessar um texto tendo em vista uma ou mais finalidades e que percorre esse texto tomando atitudes para atingi-la(s). Esses propósitos podem ser: de informar-se; de seguir instruções; de procurar compreender determinado fato e julgar esse mesmo fato; de confirmar certo aprendizado ou também refutá-lo; de simplesmente divertir-se ou de desfrutar de algo, etc.

A seguir, algumas situações ilustrativas de percursos feitos por leitores, a partir de sua intenção.

Diante do interesse ou necessidade de fazer um doce, um(a) cozinheiro(a) busca uma receita. Para tanto, deverá seguir um roteiro proposto cuja divisão tradicionalmente se faz em duas partes: ingredientes e modo de fazer.

Um grupo de amigos dispõe-se a divertir-se, participando de uma caça ao tesouro. Para conseguirem se distrair, precisam conhecer e entender as regras do jogo.

Uma estudante se vê diante da incumbência de aplicar um conhecimento em uma prática. Para isso, deve estabelecer relações entre o aprendido e construir uma ponte com a prática a ser realizada. Por exemplo, em estudos de Língua Portuguesa, um jovem, ao aprender a identificar e classificar o termo sujeito, aplica essa informação para resolver um exercício objetivo de prova.

Em qualquer um dos exemplos, ninguém ficou passivo diante de seu objeto. Foi preciso tomar atitudes mentais e físicas para que cada um pudesse realizar suas intenções.

**2ª implicação:** A interpretação que o leitor faz do seu objeto de leitura depende de seus objetivos. Em outras palavras, o conteúdo de um texto continua sendo o mesmo, invariável, porém, diante de intenções diferentes, toma outra condição, passa a ser considerado de outra forma.

- Então, aquela mesma receita de doce utilizada por uma pessoa no seu dia a dia pode passar a ser objeto de discussão jurídica, passível de proteção do Direito Autoral, na medida em que, por analogia, seria comparada a um trabalho de autoria.

Veja um exemplo dessa situação acessando os QR Codes a seguir:



- Aquele grupo de amigos que se divertia ao percorrer as regras de um jogo por pura distração pode criar um jogo e tomar aquela lista de normas para servir de roteiro nessa nova situação.
- A estudante que fazia a prova objetiva sobre o termo sujeito pode “sacar” uma fofoca, e não lhe dar nenhuma importância, com base no entendimento de que o uso do verbo na 3ª pessoa do plural, sujeito indeterminado, portanto, implica um falante que não merece crédito, pois não é capaz sequer de assumir a fonte da informação dada.

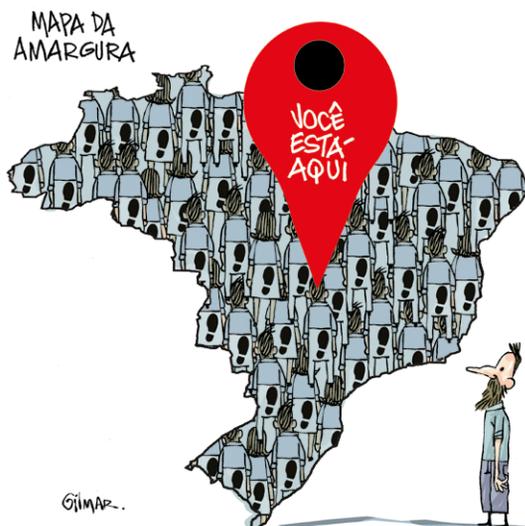
Este conteúdo em estudo se aplica às inúmeras situações do cotidiano, das mais corriqueiras às mais sofisticadas. Por exemplo, você lida com mapas, pois já os estudou várias vezes nas aulas de Geografia. Esses mesmos mapas podem servir como auxílio de localização, em viagens; e ainda como objeto reconstruído para efeito de humor.

A seguir, um mapa turístico da cidade de Torres, Rio Grande do Sul, com uma legenda que discrimina os pontos interessantes para visitação. Ele serve como orienta o para as pessoas conhecerem os pontos tursticos.



Disponível em: <<https://torres.rs.gov.br/vivatorres/mapa/>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

Agora, observe a charge de Gilmar, "Micosse", na qual ele redesenha o mapa do Brasil, sob um olhar crítico, denunciando a amargura que toma conta do país.



Cartunista Gilmar

Ambos os textos – o mapa turístico e a charge – são construídos sob certa demanda, a partir dos objetivos de seus enunciadores. O objeto mapa é lido de formas diferentes pelos seus usuários: quem produz tem determinadas intenções, norteado por sua leitura de mundo.

Vale o mesmo para quem recebe esses textos: o leitor do mapa turístico busca nele um guia; o leitor da charge busca nela um humor ácido. Sendo assim, o texto se multiplica em intenções, embora ele permaneça, em si, o mesmo.

Veja mais um exemplo: uma obra literária é, normalmente, um objeto de fruição, mas pode também ser apropriada para um outro gênero, como se deu na leitura intertextual feita do poema de Drummond "E agora, José?": de texto carregado do peso da existência, desvia-se para uma perspectiva publicitária.

Disponível em: <<https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2017/11/14/ufpel-realiza-mostra-de-cursos-na-feira-do-livro/>>.

Acesso em: 28 set. 2020.

**3ª implicação:** Fica a cargo do leitor construir os sentidos de um texto. Sendo assim,

o significado de um texto não é uma réplica do que nele está escrito, registrado. Os sentidos são produzidos de acordo com o texto, com os contextos de criação e de leitura, com os conhecimentos prévios do leitor, ou seja, um conjunto de elementos colabora para a produção de sentido.

Isso não significa que qualquer sentido seja pertinente a uma leitura. Pelo contrário, é essa relação entre texto, contextos e leitor / conhecimentos prévios demandados pelo texto que configura a produção de sentido.

Assim, a **variedade de sentidos** vem permeada de possibilidades e, também, de limitações. O objeto de reflexão é o texto, sobre o qual o leitor se debruça para ler, ao que se relaciona o contexto de produção e o de leitura, mediante a busca de conhecimentos prévios, que o entendimento do texto exige. A peça publicitária a seguir ilustra essa ideia.

A interação entre o texto produzido para o / pelo jornal *Folha de S. Paulo* e o leitor pressupõe vários conhecimentos, como:

- há uma guerra pelo mercado de notícias;
- a imprensa tem utilizado métodos de criação para fomentar essa competição;
- “Estadão” é o título dado ao tradicional jornal paulista *O Estado de S. Paulo*;
- *Folha de S. Paulo* é um jornal concorrente do *Estadão*;
- há duplo sentido da palavra “folha”.

Com certeza, as três últimas informações são fundamentais. As outras podem ser deduzidas no processamento da leitura. Sem esse conjunto de informações, a leitura não se dá de modo satisfatório, é comprometida porque o leitor não alcança a ironia feita pelo jornal *Folha de S. Paulo*.

**4ª implicação:** A leitura se dá mediante várias habilidades, entre elas:

decodificar, observar, entender, prever, compreender, comparar, associar, verificar, interpretar, inferir, analisar, criticar (atentando para forma e conteúdo).

Essas habilidades são simultâneas e interdependentes, de modo que, por exemplo, o leitor pode **prever** de forma equivocada o que um título propõe, caso não observe atentamente a ordem das palavras e / ou o uso de maiúscula ou minúscula e / ou a informação sobre o nome do autor e / ou o roteiro das informações, etc. E, em consequência, acaba por criticar equivocadamente. Daí não ser incomum uma pessoa emitir juízo de valor sobre determinado texto, sem sequer ter posto em prática as habilidades de leitura que precedem a crítica, para que possa interpretá-lo adequadamente e, então, tecer suas considerações e emitir seu julgamento.

É fácil verificar isso nos dias de hoje, basta passar os olhos pelas conversas de WhatsApp ou pelas páginas do Facebook, espaços férteis para a produção e proliferação de pontos de vista sobre temas jamais lidos ou lidos fragilmente, com interpretações que não são fruto de uma leitura proficiente.

A tirinha a seguir, de Fernando Gonsales, é a base para que as reflexões feitas até aqui sejam sintetizadas e apreendidas.

As tirinhas são bem recorrentes, seja no jornal impresso, revista ou em algum *site* na Internet, seja em alguma questão de prova. A intenção desse gênero textual é promover efeito de humor, e o leitor, quando se dispõe a ler uma delas, movimenta-se para procurar esse efeito. Sendo assim, como compete às tirinhas, esta de Gonsales intenciona produzir humor.

Entretanto, aqui, ela será tomada com mais uma intenção: torná-la um objeto de reflexão sobre o ato de leitura. Dessa maneira, já está sendo colocada em prática a teoria tratada, qual seja, **a leitura que se faz de um texto depende do objetivo que o leitor tem ao fazer essa leitura.**



GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*. 18 mar. 2018. Disponível em: <[www2.uol.com.br/niquel/](http://www2.uol.com.br/niquel/)>. Acesso em: 16 abr. 2019.

A primeira atitude é passar os olhos pela tirinha, quando se percebem três personagens. Um deles é um rato. Outro, pouco definido, parece um inseto. O terceiro, uma avó. Como saber disso? Observando os traços que desenharam as personagens e comparando com outros seres conhecidos, "ouvindo" a conversa entre eles (um personagem fala sobre certa avó).

Acompanhando as cenas, verifica-se que, na primeira e na segunda, o rato recebeu uma informação ("A vovó dormiu na frente da TV!") e estabeleceu uma hipótese, fez uma previsão: imaginou que a vovó dormia diante da televisão. No entanto, conforme a outra personagem avisa ("Você não entendeu!"), ele não havia entendido seu enunciado e se contentara com sua suposição, isto é, seu juízo antecipado. O terceiro quadrinho é decisivo, pois, por meio da imagem, fica evidente que a frase "A vovó dormiu na frente da TV!" expressa uma denotação, algo literal. Sendo assim, para compreender a fala do inseto, o rato precisaria mesmo ter observado o que ocorria no outro cômodo.

A graça da tirinha, é claro, está na quebra de expectativa provocada pelo entendimento equivocado e pela dedução apressada do rato, sem cuidados relativamente ao que ouvia. Os usos dos recursos da língua são fundamentais: "na frente da TV" pode significar *em frente à TV*, *diante da TV* ou, o menos esperado, literalmente alguém *estar grudado na parte frontal da TV*. Trata-se de uma situação nonsense, isto é, sem sentido, que, atrelada à quebra de expectativa, promove o riso.

## O PROCESSAMENTO DA LEITURA



Da pré-leitura à compressão

Da compressão à interpretação

Da interpretação à pós-leitura

Webster Pereira

As reflexões feitas até aqui permitem pensar que o leitor, para uma leitura proficiente,

- atenta para a intencionalidade do gênero (promover efeito de humor);
- constrói significados a partir do que é observado (a sequência dos quadrinhos, o que fazem e dizem as personagens), não da sua cabeça, da maneira que melhor lhe parece;
- não deve agir reproduzindo o que ele pensa serem as ideias do autor, pois o contexto de produção e de recepção, as condições de circulação do texto interferem no(s) sentido(s) a serem produzidos (a atenção converge para as estratégias de imagem e palavra, não para algo que o autor tenha dito);
- condiciona à leitura seus próprios conhecimentos prévios a fim de estabelecer relações com o dito (os usos da Língua Portuguesa);
- propõe-se a ativar habilidades que fomentem a construção da leitura (compara a imagem desenhada com outros animais conhecidos);
- faz inferências em consequência das relações que consegue estabelecer.

Porém, o texto oferece mais, o leitor pode ir em busca de mais. Por isso, a seguir, outras estratégias de leitura serão apresentadas, acionando e desenvolvendo outras habilidades, interagindo melhor com a tirinha apresentada e aprendendo a fazer do ato de leitura um ato consciente. Esses passos permitem a construção de uma autonomia leitora.

Foi possível observar que a leitura dos textos estudados – um parágrafo de *Dom Casmurro*, o mapa turístico, a charge de Gilmar, o cartum de Jaguar, a peça publicitária do jornal *Folha de S. Paulo*, a tirinha de Fernando Gonsales – exigiu a ativação do arquivo cultural do qual foram tirados conhecimentos que colaboraram para a produção de sentido. Isso só pôde ser feito mediante o acionamento de habilidades, como a de decodificar, prever (estabelecendo antecipações e hipóteses), comparar e associar, resultantes na compreensão e na interpretação. Dessa forma, foi possível você perceber que:

nem tudo o que se compreende

**DE UM** texto está **NO** texto.

## A pré-leitura: a leitura do mundo precede a leitura do texto em si

Em sua constituição, o texto apresenta vazios, lacunas. A leitura, então, depende do preenchimento dessas lacunas. Trata-se de informações ausentes, mas presentes porque alinham a produção de sentido. Estão:

- na tipologia e no gênero em que se configura o texto;
- na intencionalidade que o impulsiona;
- na sua proposição de estratégias linguísticas e textuais;
- na dimensão do tema e do assunto que carrega.

Cabe ao leitor preencher esses vazios, numa tomada de posição como produtor de sentido, a fim de ter domínio sobre o material que tem em mãos, para uma ou outra finalidade. Trata-se de uma prática interativa entre o texto e a memória, espaço de busca para que o leitor encontre o que precisa a fim de **compreender** o texto e, então, **interpretá-lo**.

Para esse exercício, retome a tirinha de Gonsales e siga o passo a passo de procedimentos que tornará possível a compreensão do texto, a qual, por sua vez, permitirá a sua interpretação. Conforme ficou claro até aqui, ler nada tem a ver com intuição. E isso se confirmará, pois ainda serão estudadas técnicas, estratégias e ações dirigidas, percursos que processam a leitura proficiente.

Um leitor “comum” pode até conseguir **entender** a tirinha, fazer dela uma paráfrase, conforme foi visto há pouco: uma personagem diz a outra que a avó dormiu na frente da TV. A outra pensa ser ótimo a avó ter dormido, porque poderá mudar o canal da TV e assistir ao programa que lhe interessa. No entanto, a avó literalmente havia dormido na frente da TV, grudada na parte frontal da TV, descoberta esta que gera o efeito de humor.

Porém, isso não é tudo. A tira oferece muito mais que isso, sua leitura exige informações subjacentes, que refinam o humor a que se propõe. Então é preciso que o leitor colabore ainda mais, fazendo sua parte, dialogando com o texto. Ele precisa se **movimentar** para o texto, e isso não vem de fora para dentro. Pelo contrário, exige autonomia, interesse, para que possa fazer um exercício de exploração dos detalhes, atentando para o material em mãos, aguçando os sentidos para dele captar as ofertas.

Ao **olhar** para o texto, o leitor pode fazer indagações, perguntas sobre ele:



Observe que o movimento para o texto parte do leitor, não é ação externa, trata-se de uma mobilização, algo que se aprende a fazer, exercitando. Dessa forma, o texto conta com o leitor para que seja lido, conta com um parceiro de produção de sentidos.

Cabe ao leitor, então, fazer o seu papel, debruçar-se sobre o texto, **inquiri-lo**, fazer-lhe perguntas, entretanto sem esperar dele as respostas prontas, **buscando-as** na sua relação com aquilo que o texto lhe oferece. Essa linha que liga texto e leitor é o espaço em que transitam as possíveis respostas, por meio das quais ocorre a compreensão, da que decorrem as possíveis interpretações.

O leitor é, assim, um “coprodutor” de sentidos, na medida em que preenche os vazios necessários à leitura.

## O tipo e o gênero textual

Saber reconhecer, diferenciar e associar os tipos e gêneros é algo muito importante, porque agencia o ato de ler, eles são como uma chave com a qual se abre a leitura. A oferta dos textos em seus usos, ou seja, em gêneros, orienta a sua intencionalidade e faz o receptor aderir a ela, motivado pelo mesmo viés proposto e / ou sob outros interesses.

Cada modalidade desperta diferentes expectativas no leitor e, conseqüentemente, mobilizações para atendê-las. Por esse conhecimento, o leitor normalmente consegue, por exemplo, não rir de uma nota de falecimento e gargalhar diante de uma piada.

Sendo assim, para a paráfrase feita da tira, o que demonstra sua decodificação, entendimento e produção de efeito de sentido, o leitor já teve de acionar algo anterior ao objeto com que está lidando: a percepção de que se trata do gênero textual tirinha.

Teve de buscar, em seu arquivo cultural, essa condição de produção, qual seja: tem uma **organização**, uma **estrutura** que remete à tipologia narrativa, pois apresenta uma voz narrativa que relata um enredo, uma situação vivida por personagens que atuam em um tempo e em um espaço.

Essa estrutura se manifesta em suas peculiaridades: um **formato**, como o próprio nome sugere, em tira; geralmente tem temática humorística, com nuances menos ou mais satíricas; geralmente, evidencia um protagonista ao redor do qual giram outras personagens.

Essas informações, embora se deem no momento da leitura, procedem de momentos anteriores, nos quais, de alguma forma, houve contato com outras tiras, ou por frequentar jornais (espaço privilegiado desse gênero) ou por ter estudado em sala de aula, etc. Ou seja, o leitor, para se posicionar em busca do humor, precisa ter minimamente em seu arquivo cultural dados sobre o gênero tira.

Caso nunca tenha tido contato com essa forma de produção textual, estará adquirindo as primeiras informações e as levará para seu "Google mental", e, assim, quando se deparar novamente com uma tira, já terá disponível em seu repertório referências para suas leituras.

## A perigrafia

Ainda antes de adentrar propriamente ao corpo do texto, algo importante a se aprender é que o **entorno** dele, isto é, a perigrafia, contribui muito para sua compreensão e, por isso, esse deve ser o primeiro alvo de interesse.

Se o leitor tem conhecimentos sobre essas imediações do texto, já faz **previsões**, **hipóteses** que contribuirão para a compreensão e possíveis interpretações. Por exemplo: se ele está diante de um texto de Luis Fernando Verissimo (e conhece esse autor), antecipa a reação de humor; se a assinatura é de Machado de Assis (e ele conhece esse autor), já vasculha a construção do deboche em seus textos de cunho literário.

Caso verifique a publicação em revistas de circulação semanal, como *Carta Capital* e *Veja* (e frequenta esses veículos), por sua vez, antecipa orientações ideológicas mais à esquerda e mais à direita, respectivamente, em textos de cunho informativo ou argumentativo; diante da data, por exemplo, se a produção se deu no século XIV, já dirige seu olhar para um período teocêntrico (sob a condição de ter de saber sobre aquele período histórico); etc.

Assim, atente para a referência, pois, com esses dados, é possível depreender algumas informações que provocam a capacidade de previsão do leitor.

Nome do Autor                      Título                      Data de publicação  
 GONSALES, Fernando      Níquel Náusea      18 mar. 2018.  
 Disponível em: <www2.uol.com.br/niquel/>  
 Site em que está disponível

A segunda informação, por exemplo, **antecipa** que Níquel Náusea é o nome ou da série de tiras ou do protagonista da tira.

Após a leitura desse entorno, parte-se para o texto em si, passando a **observá-lo**, tentando encontrar seus aspectos peculiares, agindo da mesma maneira: **fazendo perguntas e buscando respostas**.

## O corpo do texto



### OS IMPLÍCITOS: as lacunas a serem preenchidas pelo leitor – formas, palavras e ideias-chave

Ao **passar os olhos** pela tira, é possível perceber o traçado (estranho) do desenho, uma oferta intrigante ao leitor, provocando-o à pergunta: o quê / quem são os personagens que atuam nos quadrinhos? O leitor, analisando a imagem, **compara** a forma dos desenhos com outras que conhece, ou seja, faz "pares" com elementos presentes em seu arquivo cultural. Os pares são feitos por semelhança, por diferença, por oposição.

O verbo "comparar", por si só, evidencia esse exercício mental: dentro dele está posta a palavra "par", ou seja, comparar é fazer par.

Por meio dessa operação, infere-se que a personagem "azul" é um rato. Somente se já conhece esse animal por tê-lo visto proximamente ou por imagens – filmes, livros, desenhos... – é que a pessoa é capaz de **deduzir** qual é o ser que se materializa na personagem da tira.

Do mesmo modo, pode-se **entender** que a outra personagem é uma barata, embora a forma desenhada não seja tão nítida quanto a do rato e, sendo assim, essa imagem seja menos passível de comparação. O desenho mais parece garatujas, rabiscos com um pouco de forma.

Pode ser, então, que o movimento do leitor interessado seja a **procura** de esclarecimentos em fontes, como entrevistas dadas pelo chargista ou estudos, ou ainda na própria e acessível Wikipédia, na qual encontrará a descrição da personagem, seu nome e outras informações.

Outra pergunta a ser feita diz respeito ao nome do protagonista, encontrado na referência da tira, o primeiro elemento a ser consultado, conforme foi feito. É uma designação que soa incongruente, provocando curiosidade: por que se chama Níquel Náusea? Primeiramente, talvez valha a pena refletir sobre a reação que a imagem causa e associar isso ao nome: não se trata de algo agradável, pois o corpo é tortuoso, desproporcional; os olhos são esbugalhados, causando certa repulsa.

Para continuar a responder, novamente, aciona-se a habilidade de comparar. Aguçando-se a audição, fica nítida a semelhança sonora com o nome do rato da Disney (e patente sua associação):

Níquel // Mickey;

Náusea // Mouse;

Essa habilidade é, então, outro entre os passos que o leitor dá para produzir o sentido proposto pelo texto.

O verbo “**associar**” contém a palavra “socio” e pressupõe primeiramente a comparação, pois, através dos pares feitos, o leitor consegue fazer **sociedade** entre eles.

No caso da análise da nossa personagem, comparando a sonoridade dos nomes, faz-se a associação entre eles, encaminha-se, assim, para a compreensão e posterior interpretação.

Entretanto, novamente, caso o leitor não conheça a personagem da Disney, essa associação não se realiza, o que resulta numa perda significativa, porque essa estratégia de Gonsales – a escolha desse nome para sua personagem – tem implicações para a compreensão não só dessa tira, mas de todas aquelas em que o rato atua, e também para suas variáveis de interpretação.

Por isso, um outro movimento interessante para o leitor tem a ver com a **frequência com que lê** as tiras desse cartunista, o que incrementa seu arquivo cultural e lhe permite uma leitura mais apurada. A busca por outras produções acrescenta à memória e disponibiliza mais informações, um exercício que se faz mediante habilidades de **selecionar, antecipar, inferir e verificar**. Então, nesse exercício de leitura, leia duas outras contribuições a seguir.



Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/#3/4/2019>>. Acesso em: 28 set. 2020.



Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/#19/3/2019>>. Acesso em: 28 set. 2020.

Assim, está sendo construída a imagem de um **leitor modelo** para a leitura da tira, qual seja, aquele que tem (ou busca) conhecimentos contribuintes para as habilidades de compreender e interpretar, por exemplo, essa busca de outras tiras do mesmo autor. Ou, ainda, para dar continuidade à exploração da sonoridade que o nome Níquel Náusea sugere-se a seguinte comparação:

Mickey Mouse (símbolo da Disney)	Níquel Náusea
personificado como um rato de vida social, alegre, simpático, gentil, comedido, que age prudente e calmamente (o que contribui para uma imagem inteligente); é rodeado de amigos, procura ajudar os outros, está sempre de bom humor.  O rato ( <i>mouse</i> ) Mickey, tradução de como é chamado, compete valor ao animal, alguém titulado, especificado, nomeado.	personificado como uma ratazana de esgoto, não é simpático, é sarcástico com os amigos, age impulsivamente (o que contribui para uma imagem menos inteligente); além disso, o mau humor faz parte de sua personalidade.

Várias lacunas foram preenchidas por essa movimentação de habilidades de leitura, a ponto de a tira ser compreendida, mantendo-se um diálogo com o texto, com as estratégias nele presentes. Somando tudo isso, pode-se **interpretar** as estratégias: os nomes de sonoridade semelhante e atitudes opostas explicam o teor da paródia, já que Mickey tem grande valor, mas Níquel é moeda de pouco valor; Mouse, rato, é vocábulo substantivo que funciona como título, nomeação, porém Náusea expressa algo asqueroso.

Confirma essas associações uma entrevista de Gonsales na *Folha de S.Paulo* à jornalista Alexandra Morais, na qual o cartunista afirma que criou a personagem inspirado na estrelada Disney. Ele afirma: “O Níquel é uma ratazana de esgoto e não deve ser confundido com um reles camundongo que usa trajes de cores berrantes”, brinca. “O Níquel nutre uma ponta de inveja do sucesso do seu parente ianque e gosta de avacalhar o primo”.

Pelo trecho da entrevista, é possível **compreender** que a personagem brasileira é uma paródia da estadunidense e, então, **interpretar** a tirinha, que esboça, pelo nonsense, exatamente expondo com humor essa pequenez: a) uma personagem lastimável, que, como lhe é recorrente, age intempestivamente, sem pensar; b) “pensa” entender, compreender, interpretar uma frase comum, cotidiana; c) a prova dessa inabilidade é uma situação bizarra: uma avó que dorme grudada na TV.

Todos os passos dados até aqui demonstram como se atua para **compreender e interpretar** um texto, como uma leitura vai se construindo por meio de estratégias que solidificam as competências do ato de ler por meio desse movimento de inserção e busca de informações. Veja que foi(foram):

- **observada** a perigrafia do texto;
- **passados os olhos** pelo corpo do texto;
- **parafraseado** o que os quadrinhos narram;
- **inquirido** o texto;
- **acionado** o arquivo cultural;
- **promovidas** comparações e associações;
- **compreendida** a proposta da tira;
- **interpretados** a situação e o protagonista.

É importante ressaltar que Gonsales mobilizou uma série de conhecimentos para produzir sua tirinha, tanto no que se refere ao conhecimento do gênero tirinha, quanto ao tracejar de desenhos, bem como ao personagem da Disney. Essa mobilização só tem valor se houver alguém capaz de “sacá-la”. Sendo assim, o chargista espera encontrar pessoas que captem, descrevam e acompanhem esses conhecimentos que emergem de sua composição, ou seja:

o autor tem em mente um leitor capaz de ter ou de buscar informações que lhe permitam produzir sentidos em acordo com as estratégias textuais.

Então, foi visto que compreender pressupõe o acionamento de várias ações por parte do leitor, que se movimenta diante do texto e a partir dele. E, compreendendo, é possível interpretar.

Segundo Ingedore V. Koch e Vanda M. Elias, duas cientistas da área da linguagem, há fatores que derivam do autor e configuram a compreensão do texto.

Entre esses, estão:

- os fatores materiais;
- os fatores linguísticos;
- os fatores textuais;

Alguns foram acionados para a compreensão da tirinha, por exemplo:

<b>Fatores materiais</b>	o traço que desenha as personagens e a sequência de quadrinhos
<b>Fatores linguísticos</b>	os usos da Língua Portuguesa que permitiram ao rato entender equivocadamente o sentido de “na frente da TV”
<b>Fatores textuais</b>	a legenda e seus dados, as informações sobre a personagem e, ainda, a junção desses fatores, quando foi citada a sonoridade da expressão “Níquel Náusea” para associá-la a certo conteúdo

## A pós-leitura: tudo sob domínio

Conseguir fazer esse levantamento resumidamente, considerando as condições de produção do texto, a tipologia e o gênero, a intencionalidade, tudo o que se verifica pelas estratégias verbais e não verbais, funciona como um **ato pós-leitura**. Com todos os passos, todos os procedimentos realizados, é possível avaliar o texto, tecer considerações e juízos de valor.

Isso é feito porque o leitor se desenvolve a ponto de alcançar mais que o resumo da sequência narrativa, ele atinge a composição do texto, suas estratégias entrelinhas, elementos que o redimensionam. Sendo assim, é possível avaliar o humor da tirinha de Gonsales, pautado no nonsense, algo na linha do bizarro, divertido.

O quadro a seguir resume esses procedimentos. Leia-o atentamente, de forma a relacionar cada item ao que foi estudado, sem perder de vista que:

- a **produção** de um texto parte de uma intencionalidade a que se propõe seu autor, como, no caso de charges, promover efeito de humor, reflexões e / ou denunciar ou ainda homenagear;
- a **recepção** desse mesmo texto também parte de determinada intencionalidade, que não é, necessariamente, aquela proposta pelo autor. Por exemplo, uma bula de remédio é construída para efeito de orientação a um paciente sobre o medicamento, como efeitos e modo de usar; essa mesma bula pode ser objeto de análise da Anvisa, para detectar fraudes;
- o **processo de leitura** atende à intencionalidade do leitor; a partir de sua intencionalidade, o leitor mobiliza procedimentos: se pretende seguir instruções, obter uma informação de caráter geral, aprender, revisar, deleitar-se; etc.

- esses **procedimentos** são simultâneos e associados, pois a movimentação das habilidades não se dá exatamente em um ordenamento, mas com certa concomitância. Por exemplo, ao mesmo tempo que o leitor observa, **compara** entre si os elementos que estão no corpo do texto e entre o que está ali presente e o que se encontra no seu arquivo cultural, o que lhe permitirá fazer as **associações** necessárias para a compreensão, do que ele depende serem as interpretações possíveis. Por exemplo, lendo uma charge, o leitor pode, ao observar o nome do chargista, prever o teor crítico que se desenvolverá pelos aspectos não verbais, como traço e expressão facial, o que faz acionando seus conhecimentos prévios sobre aquele chargista e suas charges lidas anteriormente. Isso se associa à linguagem verbal, a um título, por exemplo, associável a fatos do momento que promoveram a construção da frase. Caso desconheça o chargista e suas produções ou não tenha conhecimento prévio dos fatos a que se refere a charge, a leitura ficará comprometida;
- o **objeto de leitura** é o texto, cuja compreensão e interpretação dependem de uma varredura nos recursos linguísticos, textuais e de mundo nele presentes. Entretanto, o alcance desses só ocorre mediante mecanismos de busca, comparação e associação de conhecimentos dispostos / construídos no arquivo cultural do leitor ao longo da sua vida, de sua existência, na qual projetou "palavramundo".



## A LEITURA NAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS



A humanidade demonstra a importância da leitura ilustrando-a na arte, espaço em que ela engendra narrativas ao encargo do leitor. No cotidiano, há essas obras, que inspiram: nos museus, nas praças, nos jornais, etc. Observe:

### Pintura



ALMEIDA JÚNIOR. *Saudade*. 1899. Óleo sobre tela, 197 cm x 101 cm. Pinacoteca do Estado de São Paulo.



MALHOA, José. *Lendo o jornal*, 1905. Óleo sobre tela, 32,5 x 21 cm. Museu de José Malhoa, Caldas da Rainha, Portugal.

### Filme



Divulgação

A personagem Laura Brown lê o romance *Mrs. Dalloway* em cena do filme *As horas*, baseado no livro de Michael Cunningham, que, por sua vez, teve Virginia Woolf e sua obra *Mrs. Dalloway* como inspiração.

### Escultura



TORTRAS, Nuria. *Menina lendo*. Barcelona, Espanha.

### Quadrinhos



Alexandre Beck - 2020/18  
Armandinho, de Alexandre Beck

Interaja mais e melhor com essas manifestações artísticas que estão a sua volta, por exemplo, ao assistir uma série, observe se há cenas em que a leitura é fator fundamental para o engendramento da narrativa. Leve isso para sua vida pessoal: observe o familiar mais envolvido com leitura de forma proficiente e reflita sobre os efeitos desse hábito nas suas relações com o mundo.

Também incida seu olhar sobre você mesmo(a), tentando analisar como é sua relação com a leitura, se tem aprendido a ler acionando habilidades ou se restringe-se a uma leitura pouco qualificada. Utilize uma câmera de celular para relatar cenas vinculadas à leitura. Pode ser de uma biblioteca ou de um livro que esteja lendo; algo que esteja acontecendo na rua; etc.

A reportagem a seguir permite reflexões interessantes acerca do ato de ler, especialmente no que se refere à habilidade de interpretar. Faça a leitura com atenção. Qual será o conceito que Jaguar tem de “interpretação”? O chargista entende leitura como um ato interativo ou que se pauta principalmente no autor? E o elaborador do item do Enem, que caminhos de interpretação teria percorrido?



### PARA REFLETIR

#### Charge de Jaguar é utilizada em simulado do Enem e cartunista erra a resposta

Por Ana Luiza Moulatlet / Redação Portal IMPRENSA – 26/08/2009

Em sua coluna no jornal carioca *O Dia* desta quarta-feira (26), o cartunista Jaguar questionou uma pergunta da prova simulada de História do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), que pedia a análise de uma charge sua.

Publicada na extinta revista *Pasquim* logo após a vitória do Brasil na Copa de 1970, a charge tinha como objetivo, segundo Jaguar, “dar uma ducha de água fria no ufanismo geral”, já que o treinador João Saldanha havia se negado a convocar o jogador Dario, por exigência do general Emílio Garrastazu Médici, e foi demitido.

Médici queria por prática indicar pessoalmente os jogadores que deveriam ser escalados para a seleção. Na época, Saldanha teria dito: “Quem escala a seleção sou eu, quando o presidente escalou o seu ministério ele não pediu a minha opinião”.

O treinador Mário Zagalo “rápida e solertemente aceitou o convite, com Dadá e tudo [...] A Seleção ganhou e os milicos faturaram os louros (e os negros) da vitória”, escreveu Jaguar.

Segundo o simulado do Enem, a charge – que mostra uma família faminta com seis filhos e o pai segurando uma placa escrita “Avante Seleção” – “elabora uma crítica mordaz ao ufanismo estabelecido no Brasil, pelas vias oficiais, em função da glória do futebol nacional”.

Ao tentar resolver a questão, Jaguar respondeu a letra A, cuja resposta é “propõe uma sátira ao povo brasileiro por sua acomodação”. No entanto, a resposta oficial do simulado era a B: “estabelece uma ironia com o ‘milagre econômico’ que o Brasil vivia à época”. Para Jaguar, com exceção da última opção (“busca contradição entre texto e imagem ao demonstrar que ‘o povo não sumiu’”), qualquer uma das respostas corresponderia à verdade.

“Fiquei pasmo, surpreso e perplexo [...] ainda não me decidi se comemoro ou lamento. Comemoro porque o humor está sendo levado a sério ou lamento pelo mesmo motivo”, escreveu Jaguar no jornal.

Ao Portal IMPRENSA, o cartunista declarou que ficou “surpreso com esse negócio, nunca imaginei que uma charge minha fosse parar em um simulado do Enem. Achei curioso, porque das alternativas da pergunta, quatro poderiam ser respostas certas”.

Segundo ele, “é uma coisa muito subjetiva, não só a questão que usou a minha charge como as outras. Se eu, que sou autor do desenho errei, imagina quem não é autor. É uma espécie de loteria, o estudante tem que acertar o que o organizador da prova pretende”.

Disponível em: <[http://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas\\_noticias/27994/charge+de+jaguar+e+utilizada+em+simulado+do+enem+e+cartunista+erra+a+resposta](http://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/27994/charge+de+jaguar+e+utilizada+em+simulado+do+enem+e+cartunista+erra+a+resposta)>. Acesso em: 28 set. 2020.

Agora, ampliando a ideia de leitura, acesse os QR Codes e faça um exercício metalinguístico, de leitura consciente, mobilizando-se conforme os estudos, de forma a fazer a interação entre você, o autor e o texto.



Em seguida, redija um texto expositivo, no qual responda às seguintes questões: qual(is) é(são) a(s) intenção(ões) da produção de cada um? A que perfil de leitor se dirigem? Que mobilizações a leitura do texto são exigidas do leitor? Aponte, ainda, os fatores linguísticos, textuais e de conteúdo mobilizados pelo autor de cada um. Atente para os títulos; anote, a partir desses títulos, as hipóteses sobre os assuntos que serão tratados, justificando-as e verificando se se ratificam ou não.

## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

**Instrução:** Observe a imagem e leia o fragmento para responder às questões **01** e **02**.



MARTINS, Aldemir. *Gato vermelho*. s/d. Gravura, 50 cm x 70 cm. Disponível em: <<http://www.espacoarte.com.br/obras/6082-aldemir-martins>>. Acesso em: 02 mar. 2018.

**História de uma gata**

Me alimentaram  
Me acariciaram  
Me aliciaram  
Me acostumaram

O meu mundo era o apartamento  
Detefon, almofada e trato  
Todo dia filé-mignon  
Ou mesmo um bom filé ... de gato

Me diziam, todo momento  
Fique em casa, não tome vento  
Mas é duro ficar na sua  
Quando à luz da lua  
Tantos gatos pela rua  
Toda a noite vão cantando assim

Nós, gatos, já nascemos pobres  
Porém, já nascemos livres  
Senhor, senhora ou senhorio  
Felino, não reconhecerás  
[...]

De manhã eu voltei pra casa  
Fui barrada na portaria  
Sem filé e sem almofada  
Por causa da cantoria

Mas agora o meu dia a dia  
É no meio da gataria  
Pela rua virando lata  
Eu sou mais eu, mais gata  
Numa louca serenata  
Que de noite sai cantando assim

Nós, gatos, já nascemos pobres  
Porém, já nascemos livres  
Senhor, senhora ou senhorio  
Felino, não reconhecerás

BUARQUE, Chico. *História de uma gata*. Disponível em: <<http://www.letrasmusicais.mus.br/chico-buarque/historia-de-uma-gata>>. Acesso em: 02 mar. 2018.

- 01.** (UEG-GO–2018) O gato representado na imagem se mostra estático e de olhar um tanto tristonho, ao passo que a gata da canção se mostra
- A) alegre e livre.  
B) servil e pragmática.  
C) obediente e resignada.  
D) arrependida e demente.  
E) pesarosa e incompreendida.
- 02.** (UEG-GO–2018) Tanto a gravura quanto a letra da canção se referem aos gatos de uma maneira
- A) denotativa. D) realista.  
B) literal. E) subjetiva.  
C) objetiva.
- 03.** (FUVEST-SP–2018) Examine a propaganda.



Disponível em: <[www.tse.jus.br](http://www.tse.jus.br)> (Adaptação).

- A) Considerando o contexto da propaganda, existe alguma relação de sentido entre a imagem estilizada dos dedos e as palavras “digital” e “diferença”? Explique.
- B) Sem alterar o modo verbal, reescreva o trecho “Venha para a biometria. Cadastre suas digitais.”, passando os verbos para a primeira pessoa do plural e fazendo as modificações necessárias.

04. (Unicamp-SP)



PLANETA SUSTENTÁVEL. Disponível em: <planetasustentavel.abril.com.br/infográficos/#content>. Acesso em: 29 out. 2013 (Adaptação).

- A) Os infográficos apresentam informações de forma sintética, utilizando imagens, cores, organização gráfica, etc. Indique dois exemplos, do infográfico reproduzido, em que a informação é apresentada por meio de linguagem não verbal.
- B) Considerando o veículo em que foi publicado, a revista *Planeta Sustentável*, qual é a finalidade desse infográfico?

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. (UEG-GO-2020) Observe a tirinha a seguir:



Disponível em: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>. Acesso em: 30 ago. 2019.

O sentido global da tirinha é constituído a partir de uma relação

- A) sociolinguística, baseada numa variante linguística incompatível com a fala de crianças.
- B) antonímica, que se estabelece contextualmente entre as palavras “muros” e “pontes”.
- C) sintática, expressa pelo uso da construção adversativa no primeiro quadrinho.
- D) dialógica, devido à negação enfática da personagem no segundo quadrinho.
- E) morfológica, que se manifesta pela formação do diminutivo de “tijolinho”.

**Instrução:** Leia o poema e observe a imagem a seguir para responder às questões **02** e **03**.

Pensem nas crianças  
Mudas telepáticas  
Pensem nas meninas  
Cegas inexatas  
Pensem nas mulheres  
Rotas alteradas  
Pensem nas feridas  
Como rosas cálidas  
Mas oh não se esqueçam  
Da rosa da rosa  
Da rosa de Hiroxima  
A rosa hereditária  
A rosa radioativa  
Estúpida e inválida  
A rosa com cirrose  
A antirrosa atômica  
Sem cor sem perfume  
Sem rosa sem nada.

MORAES, Vinicius de. Rosa de Hiroxima. In: *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 196.



DALÍ, Salvador. *A face da guerra*. 1940. Óleo sobre tela. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/obras-de-salvador-dali/>>. Acesso em: 09 out. 2019.

- 02.** (UEG-GO–2020) A imagem se deixa ler por meio de formas vigorosas, cujo efeito é aterrador, ao passo que o poema, em alguns versos, se dirige de forma apelativa ao leitor, como se verifica no
- primeiro verso.
  - segundo verso.
  - décimo verso.
  - oitavo verso.
  - último verso.

- 03.** (UEG-GO–2020) Tanto o poema-canção quanto a imagem apresentados tecem, a seu modo, uma
- denúncia de cunho social.
  - reflexão de ordem metafísica.
  - elogio a um modo de vida perigoso.
  - exaltação ao caráter bélico da alma humana.
  - glorificação da alienação como forma de vida.

- 04.** (UECE–2019)

**Sinopse do filme *Capitão América: Guerra Civil***

*Capitão América: Guerra Civil* encontra Steve Rogers (Chris Evans) liderando o recém-formado time de Vingadores em seus esforços continuados para proteger a humanidade. Mas, depois que um novo incidente envolvendo os Vingadores resulta num dano colateral, a pressão política se levanta para instaurar um sistema de contagem liderado por um órgão governamental para supervisionar e dirigir a equipe.

O novo *status quo* divide os Vingadores, resultando em dois campos: um liderado por Steve Rogers e seu desejo de que os Vingadores permaneçam livres para defender a humanidade sem a interferência do governo; o outro seguindo a surpreendente decisão de Tony Stark (Robert Downey Jr.) em apoio à supervisão e contagem do governo.

*Capitão América 3* tem direção dos irmãos Joe e Anthony Russo, produção de Kevin Feige e grande elenco formado por Scarlett Johansson (Viúva Negra), Sebastian Stan (Soldado Invernal), Anthony Mackie (Falcão), Emily Van Camp (Agente 13), Don Cheadle (Máquina de Combate), Jeremy Renner (Gavião Arqueiro), Chadwick Boseman (Pantera Negra), Paul Bettany (Visão), Elizabeth Olsen (Feiticeira Escarlate), Paul Rudd (Homem-Formiga), Frank Grillo (Ossos Cruzados), William Hurt (General Thunderbolt) e Daniel Brühl (Barão Zenom).

Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-118069/>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

Sobre a configuração linguística e textual da sinopse do filme *Capitão América: Guerra Civil*, atente para as seguintes assertivas:

- Como forma de incitar o leitor a assistir ao filme, a sinopse conta detalhadamente o enredo em seu início e desenvolvimento, mas não o seu fim.
- A descrição é a estrutura preponderante na organização dos enunciados da sinopse.
- Com vistas a divulgar o filme, a sinopse procura, em certa medida, persuadir o leitor a interessar-se pela obra resumida.
- Embora a sinopse relate fatos passados já acontecidos nas cenas do filme, o tempo verbal que predomina na sinopse é o presente do indicativo para conferir atualidade ao que está sendo contado.

Está correto apenas o que se afirma em

- I e II.
- II e III.
- I e IV.
- III e IV.



## SEÇÃO ENEM

01. (Enem-2019)

Faz com que  
**O BULLYING** passe à história!

**STOP**

**Bullying**

**És vítima:**

- Fica calmo(a). Os bullies adoram reações nervosas. Finge que não é contigo!
- Não dês troco. Lembra-te: o agressor é ele, não és tu.
- Evita ficar sozinho(a) com o bullye, junta-te com os teus amigos.
- Mostra-te confiante, não demonstres medo e acredita em ti!
- Conta a uma pessoa de confiança o que está a acontecer contigo.

**Conheces alguma vítima:**

- Nunca deixes o teu amigo(a) sozinho(a). Assim farás com que ele(a) se sinta seguro(a).
- Ajuda-o(a) a contar a alguém de confiança o que se passa!

**Conheces o(a) agressor(a):**

- Tenta convencê-lo(a) a mudar o seu comportamento.
- Caso não tenhas sucesso, denuncia o caso às autoridades.

Disponível em: <www.essl.pt>. Acesso em: 09 maio 2019 (Adaptação).

Essa campanha se destaca pela maneira como utiliza a linguagem para conscientizar a sociedade da necessidade de se acabar com o *bullying*. Tal estratégia está centrada no(a)

- chamamento de diferentes atores sociais pelo uso recorrente de estruturas injuntivas.
- variedade linguística caracterizadora do português europeu.
- restrição a um grupo específico de vítimas ao apresentar marcas gráficas de identificação de gênero como "o(a)".
- combinação do significado de palavras escritas em línguas inglesa e portuguesa.
- enunciado de cunho esperançoso "passe à história" no título do cartaz.

02. (Enem-2018)

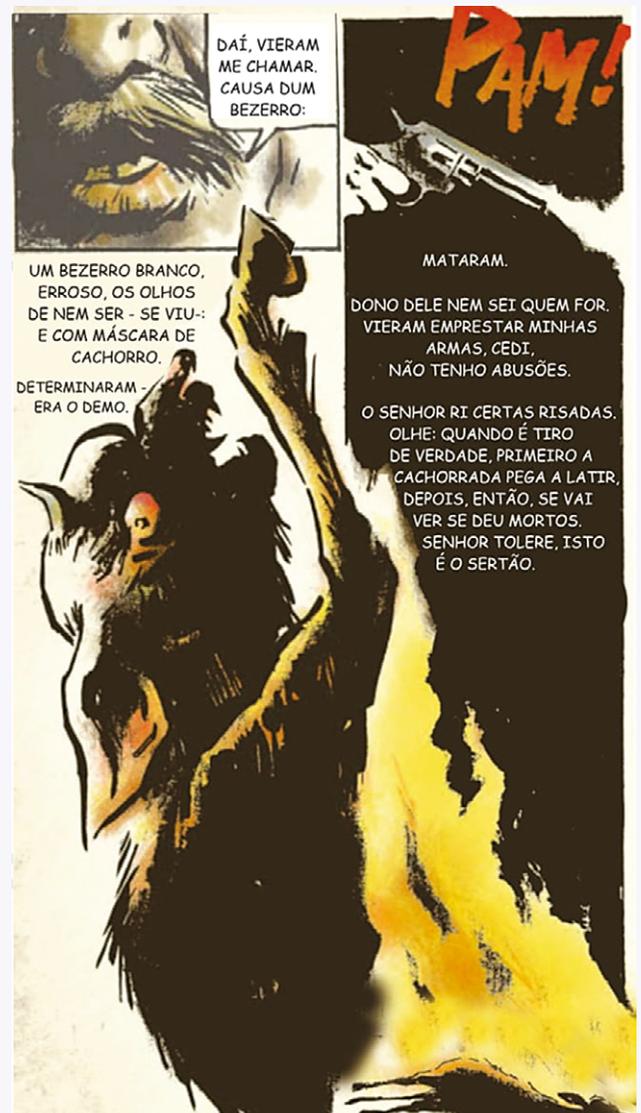


SILVA, I.; SANTOS, M. E. P.; JUNG, N. M. *Domínios de Linguagem*, n. 4, out. / dez. 2016 (Adaptação).

A fotografia exhibe a fachada de um supermercado em Foz do Iguaçu, cuja localização transfronteiriça é marcada tanto pelo limite com Argentina e Paraguai quanto pela presença de outros povos. Essa fachada revela o(a)

- apagamento da identidade linguística.
- planejamento linguístico no espaço urbano.
- presença marcante da tradição oral na cidade.
- disputa de comunidades linguísticas diferentes.
- poluição visual promovida pelo multilinguismo.

03. (Enem-2018)



ROSA, R. *Grande sertão: veredas*: adaptação da obra de João Guimarães Rosa. São Paulo: Globo, 2014 (Adaptação).

A imagem integra uma adaptação em quadrinhos da obra *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

Na representação gráfica, a inter-relação de diferentes linguagens caracteriza-se por

- A) romper com a linearidade das ações da narrativa literária.
- B) ilustrar de modo fidedigno passagens representativas da história.
- C) articular a tensão do romance à desproporcionalidade das formas.
- D) potencializar a dramaticidade do episódio com recursos das artes visuais.
- E) desconstruir a diagramação do texto literário pelo desequilíbrio da composição.

## SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



### GABARITO

Meu aproveitamento 

#### Aprendizagem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. A       02. E
- 03.
  - A) A palavra "digital" é relativa a dedos e diz respeito, no contexto, à impressão digital de cada pessoa, que é única, diferente. Além disso, o termo "diferença" também assume um sentido no contexto das eleições, indicando que o voto de cada pessoa importa para definir a realidade política do país, sendo um instrumento de cidadania.
  - B) As frases devem ser reescritas da seguinte forma: "Venhamos para a biometria. Cadastremos nossas digitais." Vale ressaltar que o imperativo para a primeira pessoa do plural deriva-se do modo subjuntivo.
- 04.
  - A) Espera-se a menção de dois exemplos de informação veiculada por meio de linguagem não verbal no infográfico, entre os quais se encontram: a linha ondulada que remete à superfície da água e, portanto, ao tema do infográfico; os desenhos de seres humanos, indicando a população de diferentes países / continentes / regiões; a escala dentro dos desenhos dos seres humanos, indicando a quantidade de água consumida em cada região / país; as bandeiras, indicando a nacionalidade ou procedência geográfica dos consumidores; o balão de fala que chama a atenção para o número de pessoas sem água potável.
  - B) Considerando-se o veículo em que foi publicado o material, deve-se indicar que a finalidade do infográfico é alertar os leitores da revista *Planeta Sustentável* sobre o consumo desigual de água potável no mundo.

#### Propostos

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. B       03. A       05. B
- 02. A       04. D

06.

- A) Em relação ao primeiro enunciado, algumas das paráfrases que podem ser feitas para um dos sentidos são:  
 Não há medida alguma que o governo possa tomar.  
 Não há nenhuma medida que o governo possa tomar.  
 E para o outro, são:  
 Há mais de uma medida que o governo pode tomar.  
 Não há apenas uma medida que o governo possa tomar.
- B) No primeiro enunciado – "Não há uma só medida que o governo possa tomar" –, o termo "só" modifica (focaliza) medida. É importante observar que as diferentes interpretações indicadas no item a são resultantes da relação de "só" também com o artigo indefinido e a negação.

Já no segundo enunciado – "Não há uma medida que só o governo possa tomar" –, o termo "só" modifica o governo, sendo possível substituí-lo por "apenas" ou "exclusivamente", o que possibilita os seguintes sentidos: "não há uma medida que o governo possa tomar sozinho" ou "há medidas que outros, além do governo, podem tomar". Assim como no primeiro enunciado, é na relação do termo "só" com a negação que essas interpretações são possíveis.

Ao descrever esse funcionamento, deve-se perceber que a abrangência da modificação de "só" é diferente em um e outro enunciado, pois trata-se de um termo que afeta muito especificamente um dado elemento ou expressão do enunciado, focalizando-os, ou seja, o "só" tem escopo preciso sobre parte do enunciado.

07.

- A) Nos contextos em que foram empregados, os diminutivos não apresentam o mesmo sentido. O primeiro, "vozinha", é usado com uma ideia de minimização, desvalorização, da ação de Prometeu, que é comparada ao movimento estudantil de maio de 1968. Já o termo "sorrisinho" é empregado num sentido irônico, pois o jacaré percebe a armação dos outros animais e, assim, evita sorrir abertamente, dando apenas um leve sorrisinho para indicar sua posição.
- B) Entre as opções de resposta, pode-se destacar: "Os outros decidem produzir (promover) uma festa para incentivá-lo (levá-lo) a rir. Todos criam (realizam, elaboram) coisas engraçadas".

08.

- A) Pode-se inferir que, na concepção do autor, a poesia pode ser entendida como um novo olhar para as coisas cotidianas, que focaliza sua beleza e a sutileza. Isso pode ser compreendido a partir da representação feita no texto, em que a personagem, ao passar a ver com os olhos de poeta, deixa de enxergar nos legumes simples objetos pragmáticos, com funções bem definidas, e passa a perceber a beleza que reside neles.
- B) O trecho pode ser reescrito da seguinte maneira: "Naquela época, tudo o que víamos nos causava espanto". Nesse caso, com a mudança do advérbio de tempo para o passado, foi preciso alterar também o tempo dos verbos. Além disso, houve a mudança de pessoa da primeira do singular para a primeira do plural.

### Seção Enem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

- 01. A       02. B       03. D



Total dos meus acertos: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_ %